

Sessão Coordenada 01 - **A AGRESSIVIDADE VISTA DE DIVERSOS PRISMAS**

COMPORTAMENTO AGRESSIVO. *Ricardo Kamizaki (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

A raiva é uma das seis emoções básicas que é inerente a todos os mamíferos. Os fatores que podem engatilhá-la são interferência física, como o ato de ser prendido, não poder se locomover, a frustração, como não obter o objeto que deseja, ser ferido fisicamente ou psicologicamente, com insultos ou mesmo ser rejeitado. A raiva pode castigar e revidar, deflagrando o comportamento agressivo. McGuire & Troisi (1990) sugeriram que as pessoas podem apresentar estratégias comportamentais reagindo a diferentes causas que geriram a raiva como frustração, ameaça e rejeição. Assim embora essas causas sejam gatilhos para eliciar a raiva, o temperamento da pessoa pode mediar a intensidade que a raiva atuará, variando de raiva leve, aborrecimento até a fúria. A mensagem que a expressão facial raiva emite para o meio social é “afaste-se do meu caminho, pois posso te ferir!” Essa emoção é considerada a mais perigosa, pois a pessoa tomada pela raiva pode ferir seus semelhantes fisicamente e/ou psicologicamente. Os movimentos faciais dessa expressão podem ser resumidas em sobrancelhas unidas e baixas, olhos arregalados, pálpebras superiores pressionadas contra as sobrancelhas e os lábios apertados com força. A raiva percebida como isolada é rara. Geralmente esta é precedida pelo medo. Seja de perder o controle, seja da ameaça ou de perder algo precioso. A raiva pode vir precedida de repulsa ou aversão sobre a ameaça ou mesmo a pessoa pode ter vergonha ou culpa de si mesma por sentir raiva. Outra faceta da raiva é esconder a tristeza. Quando alguém nos rejeita imediatamente sentimos raiva de quem nos desvalorizou, porém após elaborarmos a perda, percebemos que essa pessoa que nos deixou é muito preciosa e passamos a sentir uma profunda tristeza por essa perda. O autoconhecimento pode auxiliar o indivíduo a tomar consciência das suas emoções. Assim este pode regular e refrear as reações, reavaliando a situação e ter um planejamento para ações posteriores a causa que eliciou a raiva, pois sem essa consciência, fatalmente este eliciará atitudes que irão trazer arrependimentos posteriormente. É óbvio que essa consciência da raiva não garante controle, mas oferece possibilidades de driblar os problemas, usando estratégias como contar até dez, jogar uma água no rosto, etc. As causas desses comportamentos são desconhecidas e levantam-se hipóteses que possam ser influenciadas pela educação, como pais que constantemente agrediram fisicamente a criança, estresse excessivo na infância, fatores genéticos, lesões cerebrais e/ou se são mediados pela atividade cerebral na região subcortical interagindo com o traço de personalidade. Em relação às prevenções desse comportamento, estudos demonstraram que a serotonina pode diminuir a agressividade. Além de estimularem a atividade cerebral e energizarem a pessoa, o consumo desses alimentos é bem visto para diminuição da agressividade e aumento da sensação de bem estar. Outra estratégia consiste em ter autoconhecimento (terapia) que pode auxiliar o indivíduo a tomar consciência das suas emoções. Assim este pode regular e refrear as reações, reavaliando a situação e ter um planejamento para ações posteriores às causas que eliciaram a raiva.

Processos Psicológicos Básicos

raiva, agressividade, emoções básicas

Pesquisador - P

OUTRA –

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E CRIMINALIDADE? *José Aparecido da Silva - Departamento de Psicologia, Campus da USP-Ribeirão Preto, Beatriz Ferreira Neves- UniSEB, Ribeirão Preto*

Estudos recentes, analisando QI de 185 nações no mundo, com populações acima de 50 mil habitantes, e para 192 nações, com população acima de 40 mil habitantes, têm gerado um grande programa de pesquisa que mostra os QI (s) nacionais, significativa e substancialmente, correlacionados com uma ampla gama de fenômenos, nos quais se incluem aquisição educacional, desempenho educacional, funções cognitivas, renda per capita, crescimento econômico e várias outras variáveis sociais, políticas, de saúde, demográficas, geográficas e climáticas. Uma das variáveis que mais tem chamado a atenção na última década é o crime e sua conexão com a inteligência, inteligência, esta, refletida nos testes de QI. Neste contexto, cinco estudos revelaram que as correlações entre QI (s) nacionais e crime foram todas negativas, variando entre -0,21 e -0,82, indicando que quanto menor o QI agregado de uma nação ou estado, tanto maior é a probabilidade destas pessoas se envolverem em crimes ou ofensas criminais. Todavia, todos estes estudos exploraram a conexão entre QI e crime na população não encarcerada em geral. Não obstante, estudo recente, partindo da suposição de que comportamentos violentos dentro da prisão é parte integral do controle e da segurança das instituições penais, analisou a relação entre o QI e a má conduta de prisioneiros, os quais foram registrados através de uma variável dicotômica na qual 0=nenhum comportamento violento e 1=comportamento violento, indicando se cada prisioneiro engajava-se em comportamento violento contra outro prisioneiro ou contra funcionário da instituição penal resultando em pequenas lesões corporais. Além do QI, fatores como idade do encarceramento, pertencer ou não a gangues de prisioneiros, estado civil, etnia, nível educacional, bem como, as facilidades da instituição penal, foram registrados e correlacionados entre si. Os resultados revelaram que: 1º) diferenças individuais no QI foram significativamente relacionadas à má conduta violenta: encarcerados com QI acima da média, comparativamente aos outros encarcerados, numa mesma prisão, tiveram risco diminuído de se envolverem em acidente violento. O aumento num desvio padrão, na pontuação de QI, foi associado com uma redução de 10% na probabilidade de os mesmos apresentarem má conduta; 2º) a introdução da variável QI leva a uma atenuação da relação entre raça-etnia e má conduta e 3º) o QI médio dos prisioneiros dentro de cada uma das 30 diferentes unidades penais analisadas teve um efeito significativo na probabilidade de um prisioneiro cometer um ato violento. Em outras palavras, indivíduos de uma dada prisão, com pontuações mais elevadas de QI, foram, significativamente, menos prováveis de se engajarem em atos violentos.

Logo, importa que os criminologistas atentem para a inteligência dos encarcerados como um mecanismo de prever comportamentos violentos.

Processos Psicológicos Básicos

inteligência, QI, violência.

Pesquisador - P

OUTRA –

VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ASSÉDIO MORAL NO CONTEXTO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS. Sergio Kodato (*Núcleo de Pesquisas em Assédio Moral e Violências, Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto*)

O assédio moral pode ser definido como a exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho, no exercício de suas funções. Sendo mais comum, em relações hierárquicas autoritárias e assimétricas, em que predominam condutas negativas, relações desumanas e aéticas de longa duração, de um ou mais chefes dirigida a um ou mais subordinados, desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização, forçando a desistência do emprego. Este fenômeno social complexo contribui para um clima de insegurança e medo nas relações sociais e no imaginário dos agentes sociais, comprometendo a qualidade do serviço público. Esta pesquisa foi realizada em instituições públicas de ensino médio e superior, localizadas em uma cidade de médio porte, de 600.000 habitantes, no interior do país. Teve como objetivo investigar as representações sociais de assédio moral, produzidas por professores. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semidirigidas em profundidade, com oito participantes escolhidos pelos critérios de disponibilidade e variabilidade do conjunto. As entrevistas foram gravadas e o material transcrito foi organizado em categorias temáticas, segundo o procedimento da análise de conteúdo. Como resultado pode-se afirmar que o assédio moral sofrido por professores manifesta-se, e se articula na forma de agressão, que implica a imposição de si sobre o outro, eliminando a comunicação e a mediação da palavra, provocando medo e insegurança degradando as condições e as relações de trabalho, rompendo o fluxo natural no ambiente. As ideias que fundamentam a ocorrência do fenômeno mostram que os sentimentos são de frustração, desolamento, humilhação. São submetidos à cultura dominante e o faz motivado pelo medo, “o medo do desemprego uma época me fez sentir que existia só um caminho”. A falta de reação, a aceitação das normas e padrões dos “chefes ditadores”, contribui para a integração real da classe agressora, para imporem à definição do mundo social, conforme seus interesses, “me aproximei da coordenação para entender melhor o ponto de vista da direção, para não decepcioná-la”. Finalmente podemos concluir que nestas instituições onde o autoritarismo de má qualidade está em voga, o gestor participa ativamente da cultura da violência por estilos de gestões tirânicas, que nas representações dos professores e agentes, afetam suas condições psicológicas e físicas, interferindo e minando suas capacidades laborais, contribuindo para uma falta de qualidade na educação, impondo a estes trabalhadores, a dor de reconhecer sua mediocridade profissional.

assédio moral, representação social, violência

Pesquisador - P

SOCIAL - Psicologia Social

O BULLYING E A GESTÃO ESCOLAR. O PAPEL DOS ATORES ENVOLVIDOS.

Lelio Moura Lourenço (NEVAS – Universidade Federal de Juiz de Fora –Juiz de Fora-MG),

A preocupação com a temática da violência escolar tem-se traduzido num grande aumento da investigação sobre este tema, em especial sobre um tipo específico, o bullying que pode ser descrito como um comportamento violento, continuado ao longo do tempo, em que há a intenção clara de afligir, intimidar ou agredir outra pessoa. Entendemos que para caracterizar o bullying na escola, a gestão do ambiente escolar é uma das variáveis fundamentais para a sua compreensão e dá suporte às medidas de intervenção a implementar. A gestão do Bullying no ambiente escolar é considerada um trabalho em conjunto realizado pelos profissionais da escola, sendo professores, diretores, coordenadores pedagógicos responsáveis pela gestão no espaço escolar marcado pelo Bullying. No que concerne à escola, seus profissionais devem estar conscientes sobre essa forma de violência e serem capacitados para diagnosticar, intervir e preveni-la. Este estudo teve como objectivo identificar e compreender a dimensão do problema e analisar os níveis de bullying. Buscou-se perceber a quem é que as crianças pedem ajuda em situação de vitimação uma vez que a rede de apoios é importante para desenhar linhas fundamentais do programa de intervenção. Foi desenvolvido um estudo descritivo de delineamento transversal realizado num conjunto de agrupamento de escolas de nove concelhos da Sub-Região de Saúde de Bragança, no Norte de Portugal. A recolha de dados foi realizada por meio de um questionário adaptado de Olweus (1989) para a língua portuguesa. O questionário estava organizado em 4 secções tendo sido inquiridas 3891 crianças do 1º ao 6º ano de escolaridade. O recreio foi confirmado como um espaço importante de ocorrência de bullying. A presença do funcionário no recreio se mostrou importante, mesmo que essa presença não signifique necessariamente conforto para todos os alunos presentes, pois, em geral, esta não é a pessoa escolhida pelos alunos para comunicar que estão a ser vítimas. Na maioria das vezes essa comunicação é passada aos professores. No entanto, quando questionados sobre as ações desenvolvidas pelo professores e/ou funcionários, os alunos apontam os funcionários como mais interventivos do que os professores.

bullying, gestão escolar, prevenção

Pesquisador - P

SOCIAL - Psicologia Social